



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XIV
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

PEDRO MÁRCIO PINTO DE OLIVEIRA

**A produção do saber histórico escolar: um estudo de caso no Colégio Polivalente
de Conceição do Coité-BA.**

Conceição do Coité-BA

2014

PEDRO MÁRCIO PINTO DE OLIVEIRA

A produção do saber histórico escolar: um estudo de caso no Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA.

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV – Conceição do Coité-BA, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em História.

Área de Concentração:
Ensino de História

Orientador: Prof^o Ms. Antônio Vilas Boas.
Co-orientadora: Prof.^a Msa. Jackeline Silva Lopes

**Conceição do Coité-BA
2014**

PEDRO MÁRCIO PINTO DE OLIVEIRA

A produção do saber histórico escolar: um estudo de caso no Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA.

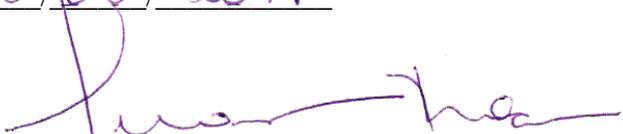
Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV – Conceição do Coité-BA, como pré-requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em História.

Área de Concentração:

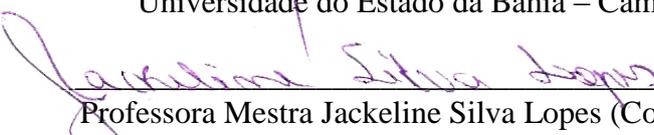
Ensino de História

BANCA EXAMINADORA

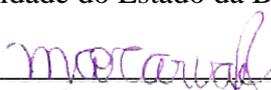
Data da apresentação: 05 / 08 / 2014



Professor Mestre Antônio Vilas Boas (Orientador)
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV



Professora Mestre Jackeline Silva Lopes (Co-orientadora)
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV



Professora Maria Cezarela Oliveira
Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Ficha catalográfica

Elaborada pela Biblioteca Professor José Carlos dos Anjos do Departamento de Educação – Campus XIV - UNEB

O48p	<p>Oliveira, Pedro Márcio Pinto de</p> <p>A produção do saber histórico escolar: um estudo de caso no Colégio Polivalente de Conceição do Coité/ Pedro Márcio Pinto de Oliveira - Conceição do Coité: O autor, 2014.</p> <p>42 p.; 30 cm.</p> <p>Orientador: Prof^o. Ms. Antonio Vilas Boas. Co-orientadora: Prof^a Mas. Jackeline Silva Lopes</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso - TCC – Monografia (Graduação). Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus XIV, Conceição do Coité, 2014.</p> <p>1. História – Estudo e Ensino. 2. Conhecimento Histórico I. Vilas Boas, Antônio II. Lopes, Jackeline Silva III. Universidade do Estado da Bahia Departamento de Educação</p> <p style="text-align: right;">CDD 907</p>
------	--

À minha querida, amada e inesquecível mãe, exemplo de mulher, mãe dedicada, extraordinário ser humano, que sempre me apoiou nas minhas decisões, me acolhendo sempre com seu infinito amor. Que Deus guarde-lhes com carinho junto Dele.

AGRADECIMENTOS

Feliz daquele que pode agradecer, que tem com quem contar na hora que for preciso.

Agradeço, inicialmente, a Deus pela inspiração, por conduzir os meus passos, à minha família, minha querida, amada e inesquecível mãe, Dona Judite Pinto de Oliveira, alguém que jamais esquecerei; à minha querida sogra, Veronice dos Reis Santana, mãe dedicada que não nasci do ventre, mas me acolheu como se o assim o fosse.

Minha gratidão, a minha querida esposa Jaqueline dos Reis Santana e meu amado filho Gabriel Santana de Oliveira, por me aturarem nos meus momentos de estresse e nervosismo, ocasionado da correria da vida moderna. À minha cunhada/irmã, Marivânia dos Reis Santana, pela atenção, ajuda e apoio por vários momentos.

Aos meus queridos professores, mestres que me ensinaram não só lições da história como também lições de vida. Sou profundamente grato a Professora Jackeline Silva Lopes, que me apresentou o caminho para a Educação Histórica, possibilitando que esse trabalho fosse concretizado, minha primeira orientadora, a quem tenho um respeito e admiração, obrigado pelas suas valiosas orientações.

Minha gratidão, a um cidadão, que a aprendi a admirá-lo pela sua dedicação ao que faz. Professor Antônio Vilas Boas, brilhante professor, excelente coordenador, pessoa que não mede esforços para ajudar alguém a resolver possíveis problemas que esteja ao seu alcance.

Obrigado por contribuir de maneira significativa para minha formação.

Também, quero externar minha gratidão aos meus colegas de curso, amigos inesquecíveis, que os guardarei na minha lembrança e cultivarei sempre vossas amizades.

Aos meus colegas de trabalho, em especial a equipe da Biblioteca Professor José Carlos dos Anjos, por proporcionar um ambiente de trabalho tranquilo e sereno, sinto-me orgulhoso em fazer parte dessa equipe.

Sou extremamente grato, ao diretor do Colégio Polivalente Gildemar Rodrigues (Dema), por me conceder a licença para que eu pudesse desenvolver a pesquisa naquele estabelecimento de ensino. Sou grato, em grande escala as três professoras que me concederam as entrevistas, bem como a todos os alunos que participaram da pesquisa. Meu muito obrigado, vocês foram fundamentais para a concretização desse trabalho.

Enfim, a todos aqueles que direto ou indiretamente contribuíram para realização dessa pesquisa, que fecha com chave de ouro um sonho, que está se materializando com a conclusão do Curso de Licenciatura em História.

A todos meu muito Obrigado!

Ensinar História de modo linear faz com que os estudantes lembrem somente os marcos cronológicos. Com isso, a moçada se torna incapaz de relacionar tempos distintos e compreender em profundidade o mundo em que vivemos. O ideal é que o educador trabalhe em sala com recortes temáticos, estabelecendo relações entre o passado e o presente, sem jamais negligenciar a temporalidade. Se essas duas questões não forem levadas em conta, a turma pode ter uma compreensão limitada da disciplina e da história propriamente dita, formulando ideias vagas e genéricas, o que contribui para o não-entendimento das causas e consequências dos fenômenos estudados.

Isabel Barca

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal, fazer uma análise de como o saber histórico vem sendo produzido no Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA, isto é, como os professores de história selecionam os conteúdos a serem trabalhados em suas aulas, como esses conteúdos são trabalhados por esses docentes e qual a repercussão desses conteúdos entre os estudantes. Buscando entender o universo da sala de aula nas aulas de história; que relações se estabelecem entre o “desinteresse” dos estudantes e a forma como o saber histórico escolar é construído por professores e pelos próprios alunos, durante a seleção, desenvolvimento e apreensão dos conteúdos. Esse trabalho propõe respostas concretas e fundamentadas aos questionamentos, cujas respostas de tais questões, é elemento imprescindível para o entendimento do objetivo principal da pesquisa. Como se processa ali o ensino? Que tipos de relações os sujeitos estabelecem com o conhecimento histórico? Quais são ou como professores e alunos elaboram a sua compreensão sobre as ideias históricas? Que significados o conhecimento histórico tem para os sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizagem? Como os alunos reagem aos processos de produção do conhecimento histórico? Qual o resultado do conhecimento histórico na formação da consciência histórica dos alunos? As respostas a esses questionamentos é o resultado desse trabalho.

Palavras-chaves: Educação Histórica. Consciência Histórica. Saber Histórico escolar. Ensino de História.

ABSTRACT

This work has as main goal, to do an analysis of how historical knowledge is being produced at the College Polivalente de Conceição do Coité-BA, that is, as history teachers select content to be worked in their classes, as these contents are worked by these teachers and what effect these contents among the students. Seeking to understand the universe in the classroom history lessons; relationships that are established between the "disinterestedness" of students and how the school historical knowledge is constructed by teachers and by the students themselves during the selection, development and seizure of the contents. This work proposes practical and reasoned responses to questions, the answers to such questions is essential for understanding the main purpose of the research element. How is teaching there? What types of relationships provide the subjects with historical knowledge? What are or how teachers and students elaborate their understanding of historical ideas? Meanings that historical knowledge has for the subjects involved in the teaching / learning process? How students react to the processes of production of historical knowledge? What is the result of historical knowledge in the formation of historical consciousness of the students? The answers to these questions is the result of that work.

Keywords: History Education. Historical Consciousness. Know school history. Teaching of History.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Por que frequentam a escola?	30
Gráfico 02 – O que você acha da escola?	31
Gráfico 03 – Que tipo de material didático a professora de História utiliza nas aulas?	34
Gráfico 04 – O que você acha da professora de História?	35
Gráfico 05 – O que você acha da disciplina História?	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 01 TRABALHANDO CONCEITOS	15
1.1 EDUCAÇÃO HISTÓRICA	15
1.2 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA	19
1.3 SABER HISTÓRICO ESCOLAR	20
1.4 CURRÍCULO DE HISTÓRIA E A SELEÇÃO DOS CONTEÚDOS	23
CAPÍTULO 02 O ENSINO DE HISTÓRIA E A PRODUÇÃO DO SABER HISTÓRICO ESCOLAR	25
2.1 O QUE SE ENSINA NO CURRÍCULO ESCOLAR DE HISTÓRIA?	25
2.1.1 Processo de seleção dos conteúdos	26
2.1.2 Os conteúdos ensinados no Colégio Polivalente	28
2.2 ENSINANDO HISTÓRIA E VENCENDO DESAFIOS	29
2.3 O CONHECIMENTO HISTÓRICO APREENDIDO PELOS ALUNOS	36
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	40
FONTES	42

INTRODUÇÃO

A Educação Histórica encontra-se em um momento privilegiado de produções no Brasil e no mundo. As preocupações com as utilidades práticas da História ganharam uma grande expansão no campo científico e abriram espaço para pesquisas com o foco sobre os processos de ensino e aprendizagem de História. Uma importante vertente das pesquisas em Educação Histórica procura, através da reunião e análise de dados empíricos, possibilitar um melhor entendimento das ideias dos jovens acerca dos usos da História. Desde a década de 1970 que essa temática vem sendo trabalhada em países, como Estados Unidos, Canadá, Portugal, Espanha, Alemanha e outros.

Essas pesquisas de campo têm produzido diagnósticos sistemáticos sobre a construção da consciência Histórica de jovens dentro e fora do ambiente escolar, que são fundamentais para o desenvolvimento e melhoramento do ensino de História. Nesse campo do conhecimento é relevante citar dois grandes pesquisadores da área o alemão Jörn Rüsen e a portuguesa Isabel Barca.

No Brasil, a discussão vem sendo trabalhada por pesquisadores de várias universidades brasileiras espalhadas pelo Brasil como: Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt - UFPR, Estevão Chaves de Rezende Martins - UnB, Luiz Fernando Cerri - UEPG, Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro - UFRJ, dentre outros.

O século XXI nasceu com o desafio da sociedade do conhecimento, do grande leque de informações disponíveis em toda parte, a rede mundial de computadores - internet - permite a busca instantânea por informações variadas, o acesso ao conhecimento se tornou algo “fácil” de ser encontrado, filmes completos, vídeos aulas (YouTube), livros digitais (Google Books), fotos antigas e atuais (Flickr), mapas e fotos aéreas atualizados (Google Maps e Bing Meps) permitindo a visita ao mundo em segundos, traduções de textos entre diversas línguas (Google Tradutor e Bing Tradutor) é uma verdadeira democratização do conhecimento.

Como o volume dessas informações é bastante extenso, esse processo sempre inacabado, trouxe outro grande desafio para essa segunda década do século, que é o de como construir novas relações com o conhecimento, particularmente quando essas relações envolvem processos de escolarização, que pressupõem apropriações individuais e coletivas do conhecimento em sua relação com a cultura.

Observando o cotidiano das salas de aula, com ênfase maior no Colégio Polivalente de Conceição do Coité, a maneira como os alunos comportam-se nas aulas de história, seu

envolvimento, no sentido de participação nas aulas e inspirado em leituras de autores renomados no campo da discussão da Educação Histórica é que nasce a ideia do desenvolvimento desse trabalho.

Em outras palavras, os problemas que identificamos hoje na Educação, e especificamente na parcela da disciplina de História, e suas correlatas, bem como em atividades curriculares e extracurriculares que envolvem conhecimento histórico, não serão devidamente equacionados nem minimamente enfrentados enquanto os historiadores, isto é, professores de história não tomarem consciência do seu papel social. Trata-se de estudar, saber o que já foi dito, pensado e escrito, argumentar e contra argumentar com o que já se consensuou e com as perspectivas controversas, enfim, participar.

A história é o passado reconstruído no presente. A humanidade, ao longo do tempo, vem modificando os espaços onde vivem, reconstruindo identidades, repensando o que já foi dito, refazendo as coisas ao seu modo, reconstruindo conceitos, dando novas configurações políticas e econômicas as sociedades, etc.

Entendendo a história como uma ciência viva e em constante construção, precisamos e teremos que valorizar os saberes que os alunos possuem, adquiridos em suas experiências de vida, para a construção de um diálogo enriquecedor que facilite o aprendizado dos conteúdos históricos pelos estudantes. Entretanto, de acordo com observações realizadas no Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA, aparentemente, a história é um passado distante das suas experiências vividas. Faz-se necessário, portanto, uma pesquisa que verifique se, de fato, isto ocorre.

Com base nas leituras dos textos de grandes pesquisadores da Educação Histórica como os do historiador, filósofo e pedagogo alemão Prof. Dr. Jörn Rüsen, os da historiadora, doutora em Educação, Pós-doutora em Didática da História e Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica - LAPEDUH da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Profa. Dra. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt; os do historiador e filósofo da Universidade de Brasília - UnB, Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins; os do historiador, Pós-doutor em educação e líder do Grupo de Pesquisa em Didática da História da Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG, Prof. Dr. Luiz Fernando Cerri; os da historiadora, doutora em educação e coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História - LEPEH da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Profa. Dra. Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro; os da historiadora e doutora em Ensino de História da Universidade do Minho-Portugal, Profa. Dra. Maria Isabel Gomes Barca de Oliveira que trabalham com a temática de Educação Histórica, será o norte para guiar a discussão e análise

das questões fundamentais à compreensão do tema. As pesquisas que vem sendo produzidas na área de Educação Histórica vêm apontando que os saberes históricos se constroem nas escolas e a partir de diálogos com os saberes acadêmicos e cotidianos de alunos e professores.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 3 docentes que atuam nesta escola: a professora A, que tem formação em história e ministra aulas nesta disciplina; a professora B, que ministra aulas nesta disciplina e está em formação num curso de História; e a professora C, que ministra aulas de História mas não tem formação na área. Tais entrevistas teve como meta analisar como os professores de história selecionam os conteúdos a serem trabalhados nas aulas, foram feitas observações e registros escritos de aulas de História do Ensino Fundamental e Médio no Colégio Polivalente. Foram observadas 1 turma de cada professor entrevistado, com o objetivo de verificar como esses conteúdos são trabalhados por esses docentes em sala de aula.

A partir das observações das aulas, foram selecionados 6 alunos (2 por cada turma observada com perfis diferenciados), para realização de entrevista semiestruturada, buscando compreender como esses conteúdos são apreendidos pelos alunos.

Também foram utilizados como fontes planos de aulas e diários de classe dos professores de história, para identificar e caracterizar os conteúdos que vêm sendo selecionados para serem trabalhados nas aulas de história do ensino fundamental e médio do Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA, e avaliações escritas dos estudantes, que contribuíram para a verificação de como esses conteúdos são apreendidos pelos alunos. Por fim, foram confrontados o referencial teórico e os dados coletados através dos instrumentos acima.

Esse trabalho está estruturado em dois capítulos, os quais estão relacionados entre si, buscando uma integração dos conhecimentos aqui estruturados. No primeiro capítulo, intitulado “**Trabalhando conceitos**”, discutirei os conceitos, que nortearão o texto da pesquisa. Para facilitar o entendimento dos leitores dividirei o capítulo em tópicos.

No primeiro tópico: *1.1 - Educação Histórica*, apresento ao leitor o um dos possíveis conceito da História e como se escreve a história, de maneira sucinta, bem como a discussão acerca do surgimento da Didática da História na década de 1970 na Europa, destacando seu objetivo de reaproximar a ciência História do Ensino de História, com a finalidade de desenvolver as consciências históricas.

No segundo tópico *1.2 - Consciência Histórica* faço uma discussão acerca do conceito de consciência histórica, dialogando com renomados pesquisadores da área como Jörn Rüsen, Cerri, Barca, e outros.

No terceiro tópico *1.3 - Saber histórico escolar* construo um diálogo entre diferentes saberes em sala de aula na construção do saber histórico escolar tendo como objetivo o desenvolvimento das consciências históricas.

No quarto e último tópico *1.4 Currículo de História e a seleção de conteúdos* faço uma discussão acerca do currículo da disciplina História, buscando apresentar, o que é proposta pelas autoridades educacionais, o que se deve ensinar no currículo de história.

No segundo capítulo: “**O Ensino de História e a produção do saber histórico escolar**”, dividirei também em tópicos, visando facilitar o entendimento dos leitores.

No primeiro tópico *2.1- O que se ensina no Currículo Escolar de História?* farei uma discussão buscando entender como os professores de História do Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA, selecionam os conteúdos que eles trabalham na sala de aula. Para facilitar o entendimento esse tópico foi dividido em dois subtópicos:

No primeiro subtópico *2.1.1 - Processo de seleção dos conteúdos* abordarei de maneira detalhada como os professores selecionam os conteúdos que serão trabalhados em suas aulas, quais critérios eles utilizam para essa seleção. Quis conteúdos são mais relevantes para o aprendizado dos alunos.

No segundo subtópico *2.1.2 - Os conteúdos ensinados no Colégio Polivalente*, nesse foi feita uma abordagem acerca dos conteúdos mais trabalhados no Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA, os mais selecionados pelos professores, buscando um entendimento do porquê dessas escolhas, bem como a importância dos mesmos na formação da consciência histórica dos alunos.

No segundo tópico *2.2 Ensinando História e vencendo desafios*, nesse tópico fazemos uma discussão acerca dos desafios enfrentados pelos professores no cotidiano da sala de aula. Como os professores de História trabalham os conteúdos por eles selecionados. Que tratamento eles dão a esses conteúdos? Que importância eles atribuem a esses conteúdos? Que ferramentas pedagógicas eles utilizam para trabalhar com esses conteúdos. Enfim, como é ensinada a disciplina História no Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA.

No terceiro e último tópico *2.3 - O conhecimento Histórico apreendidos pelos alunos*; faço uma discussão como os alunos aprendem a história. O que eles jugam importante aprender na história? Qual a importância de se aprender história para eles? Como eles veem o

ensino de História? Como eles aprendem história? Que metodologia eles melhor se adaptam para aprender história.

O presente estudo visa, dentre outros objetivos, trazer a discussão acerca da Educação Histórica para nosso rol de produção de pesquisa acadêmica, visto que, no Brasil, tal linha de pesquisa vem se difundindo nas regiões Sul e Sudeste do país. Com esse trabalho, pretendo dar visibilidade para tal temática em nossa região, ampliando ainda mais os campos de pesquisa produzidas por docentes e discentes da Universidade do Estado da Bahia do Departamento de Educação Campus XIV, Conceição do Coité-BA.

Esse trabalho analisará a produção do saber histórico no Colégio Polivalente, possibilitará repensar a prática docente a fim de melhorar cotidianamente as aulas de história, caminhando juntos na construção desse conhecimento que será benéfico tanto para o campo da pesquisa em Educação Histórica em nossa Universidade como para os envolvidos no processo.

É uma história carregada de significados e sentidos que desejamos ver trabalhada nas escolas, é sobre essa vertente que se almeja o seu ensino: uma construção de conhecimento carregada de significados e símbolos que faça sentido para a vida de cada um. Cada ser humano carrega em si sua história, que precisa ser a todo tempo resignificada.

CAPÍTULO 01 TRABALHANDO CONCEITOS

1.1 EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Será que é possível definir História? Qual é a relação entre tempo e História? E o historiador. Quais são seus objetos de estudo? São questões difíceis de responder, tamanha a sua complexidade, e suas possibilidades. A História é uma ciência humana, cujo objeto de estudo abrange um conhecimento de proporções inatingíveis em sua totalidade pelo homem.

Para o historiador do Departamento de História / FFLCH – USP, Carlos Bacellar, a História é o ato de repensar o passado, é buscar o passado para tentar entender o presente, através das fontes históricas. Buscar nos documentos o que as pessoas disseram no passado e reinterpretar a luz do presente. (UNIVESP TV, 2012) O historiador trabalha a partir de fragmentos do passado certo de que não terá a totalidade do passado a suas mãos; pensar em alcançá-lo é uma utopia.

Já para a também historiadora do mesmo Departamento, Raquel Glezer, História é tanto uma memória social de um grupo, quanto uma forma de um Estado apresentar a narrativa do seu passado destacando o que for mais relevante, para o perfil de sociedade que esse estado pretende apresentar. (UNIVESP TV, 2012). A História como narrativa do passado existe desde a antiga civilização grega, que teve em Heródoto a separação entre o mito e a narrativa histórica, ainda sem documentação de longa duração.

No século XIX, na Alemanha, os historiadores começam a questionar o predomínio de uma História Política. Esse movimento se expande pela Europa, chegando aos historiadores franceses, que também começam a questionar essa maneira de se construir a História, fundando a Escola dos Annales¹.

A história não é estática. Trata-se de uma ciência viva em constante transformação, a todo momento surge trabalhos inovadores propondo novas análises, abordagens distintas. Se o

¹ A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. Desde o século XVIII, quando a História passou a ser notada como ciência, os métodos de se escrever e pensar sobre História conquistaram grande evolução. Em 1929, surgiu na França uma revista intitulada Annales d'Histoire Économique et Sociale, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Ao longo da década de 1930, a revista se tornaria símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como Escola dos Annales. A proposta inicial do periódico era se livrar de uma visão positivista da escrita da História que havia dominado o final do século XIX e início do XX. Sob esta visão, a História era relatada como uma crônica de acontecimentos, o novo modelo pretendia em substituir as visões breves anteriores por análises de processos de longa duração com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das civilizações das “mentalidades”. Ver BERKE, Peter. Escola dos Annales 1929-1989: A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Ed.UNESP, 1991 p. 115.

historiador trabalha com família, qualquer evento do cotidiano da família torna-se fato e por conseguinte uma fonte histórica, um objeto para análise da história. Não se trata de um grande evento político, de uma revolução, mas é um objeto de estudo da história para se entender a vida cotidiana da sociedade, isto é, a história acontece em toda parte e a todo tempo.

Por se tratar de uma ciência tão complexa e com uma enorme multiplicidade de possibilidades, ensinar História é uma tarefa que envolve uma série de questões. O professor de história deve ser um articulador do conhecimento, um semeador de ideias, provocador da curiosidade histórica, estimulador da busca pelo conhecimento, de modo que, os estudantes percebam a importância de se estudar a História. Para tanto, é preciso que este esteja intelectualmente preparado para enfrentar esse desafio.

O problema é que frequentemente o conhecimento acadêmico se apresenta como teórico e dissociado dos conhecimentos pedagógicos. A historiografia, escrita da história, dentro das academias, caminha separada da didática da História, sendo poucas exceções. A preocupação de uni-las, fazê-las caminhar juntas é algo que já vem sendo pensado a algum tempo, foi uma proposta que começou na Alemanha e na Holanda, com professores que se interessavam por essa temática, a maneira de se discutir o conceito de consciência histórica e que pensavam o conceito de Didática da História, como uma superação da visão de que esta teria a função unicamente de se discutir a transmissão do conhecimento histórico.

Essa questão da dicotomia teoria e prática, não é algo novo, se olharmos a relação da história e a sua função didática. No século XIX, havia uma unidade entre a finalidade da história como conhecimento científico a se produzir e a sua função didática de formar o cidadão e construir a ideia de nação. Essa relação se rompeu à medida em que a história foi se especializando como conhecimento científico e buscando formar profissionais capazes de produzir esse conhecimento. No Brasil, e, em vários outros países do mundo, esse processo de especialização da História, destinou a função didática da história para a pedagogia. Há estudos como o do professor alemão Jörn Rüsen, que analisa esse processo. No Brasil, podemos localizar o início do século XX, onde começa a pedagogização da História, havia uma História para ser ensinada e outra para ser produzida nas academias. (SCHMIDT, 2009, p.12).

A Didática da História é uma abordagem formalizada para ensinar história em escolas primárias e secundárias, que apresenta uma parte importante da transformação de historiadores profissionais em professores de história nestas escolas. (SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2011, p. 23). Essa disciplina nasce da necessidade de aproximar a Ciência História do Ensino de História.

É uma disciplina que faz a mediação da história como disciplina acadêmica, o aprendizado histórico e a educação escolar. Assim, ela não tem nada a ver com o trabalho dos historiadores na sua disciplina. A didática da história, sob essa visão, serve com uma ferramenta que transforma conhecimento histórico dos recipientes cheios de pesquisa acadêmicas para as cabeças vazias dos alunos. Essa opinião é exatamente enganosa. Ela falha em confrontar os problemas reais concernentes ao aprendizado e educação histórica e à relação entre didática da história e pesquisa histórica. (SCHMIDT²; BARCA³; MARTINS⁴, 2011, p. 23).

Nas últimas três décadas, ocorreu um novo pensar para a Didática da História. Nessa nova configuração, pesquisadores preocupados com a disseminação do conhecimento histórico e a produção do saber histórico escolar, começaram a repensar os métodos de se ensinar história. A Disciplina História, ensinada na educação básica, é desafiadora em sua prática, afinal, ensinar algo que já é uma vivência cotidiana é muito mais que trabalhar conteúdos, é dar significado a eles.

Os alunos não são uma tábua rasa, completamente desprovido de conhecimento, mas um sujeito que está imerso em uma cultura, vivenciando diferentes situações que influenciam na maneira deles aprender a história.

Ensinar História é antes de tudo, ensinar a ler o mundo a nossa volta, a entender o cotidiano no qual o aluno está incluso. É tratar da história do cotidiano, é aproveitar a bagagem de conhecimento que eles já trazem do seu cotidiano, da luta, dos movimentos sociais, ou seja, trazer para a sala de aula a realidade do aluno. As crianças já têm um conjunto de ideias relacionadas com a História, quando chegam à escola. O meio familiar, a comunidade local, as mídias, especialmente a TV, constituem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, que a escola não deve ignorar nem menosprezar. (BARCA, 2001, p. 15).

O professor não só utiliza as novas teorias, as novas abordagens, como insere temas trabalhados na contemporaneidade para a discussão a partir da realidade dos sujeitos, do seu grupo social. Desse modo, é que podemos transformar a história, em uma história mais viva, mais ativa e mais crítica. E assim dar sentido a história, torná-la mais interessante e instigante.

² **Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt**, Pós-doutora em Ensino da História e Didática pela Universidade Nova Lisboa, Portugal. Professora do Departamento em História e do Programa de Pós-graduação em História da UFPR e Coordenadora do LAPEDUH - Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da UFPR. Ver Currículo Lattes.

³ **Isabel Barca**, doutora em Ensino de História pela Universidade de Londres, Inglaterra é Coordenadora da área científica de Metodologia do Ensino da História e Ciências Sociais, na Universidade do Minho, onde também coordena o Mestrado em Supervisão Pedagógica em Ensino da História.

⁴ **Estevao Chaves de Rezende Martins**, doutor em Filosofia e História pela Universitaet Muenchen (Ludwig-Maximilian), pós-doutorado em Teoria e Filosofia da História e é professor titular da Universidade de Brasília. Ver Currículo Lattes.

É importante também estar atento ao fato de que a construção do conhecimento histórico é processual, pois a História a todo tempo é repensada, reconstruída, resignificada. Tudo é desconstruído ou validado em função dos seus próprios contextos específicos. (BARCA, 2001, p. 19). Portanto, as influências sofridas pelos alunos contribuem significativamente em seu aprendizado. Contudo, o aprendizado da história pode ser prazeroso e significativo, desde que esse aprendizado tenha sentido real na vida do aluno, conforme a pesquisadora da Universidade do Minho em Portugal, Isabel Barca, coloca:

A partir dos estudos que se desenvolvem segundo estas orientações, é possível inferir algumas lógicas e estratégias no processo de conhecimento histórico dos sujeitos: - A aprendizagem deve processar-se no contexto da resposta à natureza da disciplina. Em História, os alunos podem fazê-lo com gosto, conforme os inúmeros estudos o indicam. - A aprendizagem processa-se em contextos concretos. É necessário que os conceitos façam sentido para quem os vai apreender. Existe uma multiplicidade de fatores da cognição a ter em conta. As vivências prévias dos sujeitos e a natureza específica do conhecimento, o tipo de tarefas a desempenhar, as aptidões individuais são aspectos fundamentais para a progressão do conhecimento. (BARCA, 2001, p. 20).

É o que também defende Jörn Rüsen, na medida em que afirma:

Somente quando a história deixar de ser aprendida como a mera absorção de um bloco de conhecimentos positivos, e surgir diretamente da elaboração de respostas a perguntas que se façam ao acervo de conhecimento acumulados, é que poderá ela ser apropriada produtivamente pelo aprendizado e se tornar fatos de determinação cultural na vida humana. (RÜSEN⁵, 2007)

Não há aprendizado da história se não houver sentido real em aprendê-los. Os estudantes, uma grande maioria, não veem significado na história na maneira com a qual muitos professores de história trabalham com a disciplina, é preciso então repensar o Ensino de História.

1.2 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

⁵ Jörn Rüsen nasceu na cidade alemã de Duisburg, em 19 de outubro de 1938. Lecionou nas universidades de Bochum, Bielefeld e Witten, da qual se aposentou em 2009. Rüsen também esteve à frente de dois importantes centros de desenvolvimento de pesquisa: o Centro de Pesquisas Interdisciplinares (ZIF) e o Instituto de Altos Estudos em Ciências Humanas (KWI). Sua atuação nessas entidades aponta para o interesse em desenvolver seu trabalho, assumindo uma perspectiva genuinamente interdisciplinar. Em entrevista concedida a Luiz Sérgio Duarte da Silva, quando perguntado sobre seu trabalho no Centro de Pesquisas Interdisciplinares, Rüsen afirmou que “tratava-se de encontrar um foco temático para tornar interessantes e inovadoras as constelações de disciplinas” (SILVA, 2010, apud TEIXEIRA, 2014)

O aprendizado da História é muito mais que um pacote pronto, acabado de conhecimento. O que se aprende na disciplina História é um conjunto de experiências vivenciadas pelos educandos, somado ao conhecimento que lhes é apresentado pelo professor, dessa junção desenvolve no aluno a consciência histórica, que de acordo com Rüsen (2007), consciência histórica é "o grau de consciência entre passado, presente e futuro" e o local ideal para o desenvolvimento dessa consciência é a escola, mais especificamente nas aulas de história.

Para ele, a consciência histórica é o conjunto "das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência" da mudança temporal "de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo". É, portanto, a "constituição do sentido da experiência do tempo" expressa pela narrativa histórica. (RÜSEN, 2001, p. 58)

Os fatos do passado deve apresentar alguma ligação com o presente no qual o aluno estar imerso para que esse passado tenha significado e desperte o interesse, aguce a curiosidade para aprendê-lo. Jörn Rüsen divide a consciência histórica em quatro tipos, sendo eles: 1 - tradicional, uma posição em relação ao passado em que as narrativas tradicionais são responsáveis por fornecer valores em um modelo de tradição estável; 2 - exemplar, que vê, no passado como um todo, uma reunião de regras de conduta e moral utilizáveis no presente e que, essas lições do passado podem provir de tradições diferentes, não se vinculando apenas de uma tradição fixa; 3 - crítica, uma postura crítica diante de qualquer um dos tipos anteriores, seja desafiando a capacidade de orientação das narrativas tradicionais ou relativizando os valores morais provenientes da experiência do passado; 4 - e genética, que tem uma postura para além da afirmação ou negação das três últimas formas de consciência histórica, pois a mudança é central para o passado e dá diferentes significados a história, de modo que diferentes pontos de vista são aceitos para comporem essa perspectiva de mudança temporal (RÜSEN, 2007).

Na consciência histórica tradicional, o sujeito, aluno, tende a reproduzir tradições de maneira irrefletida, a história como simples narrativa sem a interferência do pensamento crítico de quem está aprendendo. Por exemplo, a pessoa que participa de uma religião e não faz nenhuma reflexão da religiosidade só repete o que lhe é colocado pelo líder religioso, reproduz exatamente aquilo que lhes foi passado, ou seja, ela introjeta e não questiona.

Já a exemplar, parte da ideia da repetição de fatos passados para explicar o presente. Exemplificando, uma ação que foi desenvolvida pelo avô de uma determinada família, cerca de vinte anos depois foi repetida pelo pai, e o filho vai valer-se do mesmo método para

resolver tal problema, sem levar em consideração as mudanças ocorridas na sociedade ao longo do tempo; muito provavelmente, essa ação não poderá ser resolvida seguindo exatamente os mesmos passos que os usados pelo avô, a final a sociedade em que vive o neto já não é mais a mesma em que viveu seu avô.

Na consciência histórica crítica, há uma rejeição da experiência anterior, isto é, nesse tipo de consciência, o indivíduo faz críticas, debate as ideias, questiona, articula com o presente, contextualiza, adapta a realidade social do momento. Cria-se algo novo; podemos também chamá-la de consciência histórica moderna.

Por último, a consciência histórica genética, a qual relaciona-se com a diversidade. Relaciona-se com a experiência anterior, criticando-a, porém valendo-se de exemplos anteriores, atualizando-os, dialogando a partir do presente, da vivência cotidiana, com a perspectiva do futuro.

Temos portanto, esses quatro tipos de consciências históricas e dependendo de como se explica a história, a forma como se usa as fontes históricas para produzir história, bem como a partir da compreensão que se tem da história ou que significado a história tem para os alunos, é possível se identificar a qual tipo de consciência histórica determinado grupo possui.

1.3 SABER HISTÓRICO ESCOLAR

O saber histórico escolar é a soma dos conhecimentos adquiridos nas escolas, dito conhecimento científico, com aqueles que os alunos já possui do seu cotidiano. A escola se faz o suporte do aluno para reelaborar seu conhecimento cotidiano com a contribuição dos saberes do conhecimento científico. (SILVA e MOREIRA, 2010, p. 13). Sendo esse um dos possíveis conceitos para o saber histórico escolar, embora sabemos que:

Não há uma definição precisa dessa expressão, mas sim variações de seu sentido, dependendo de quem que a utiliza. Mesmo que fosse possível sistematizar todos os significados que lhe são atribuídos nos currículos oficiais ou nos textos acadêmicos, isso não garantiria sua correta compreensão, pois o sentido do saber histórico escolar depende muito mais da representação que os professores fazem dele do que de definições acadêmicas. (CARDOSO, 2007, p. 211; 212)

É fundamental que o professor, na sua prática de ensino, não encare os alunos como tábua rasa desprovidos de conhecimentos, ao passo que, também não se pode supervalorizar o conhecimento cotidiano do aluno. Faz se necessário um equilíbrio entre ambos conforme, afirma Silva e Moreira:

[...] é importante considerar que o valor do conhecimento cotidiano da vida, na produção do conhecimento escolar, não poderá ser supervalorizado e nem reduzido a mero instrumento de aproveitamento didático na sala de aula. Antes de tudo, buscase desvendar sua posição epistemológica e suas contribuições na construção do saber escolar, incorporando outros conhecimentos e assumindo os caminhos entrecruzados que penetram a vida do aluno e determinam os comportamentos pedagógicos no cotidiano escolar. (SILVA; MOREIRA, 2010, p. 15).

Sendo a História uma ciência humana, carregada de significados, que está em constante movimento, pautada no movimento das sociedades, no cotidiano das pessoas, o ato de ensiná-la não pode ser algo descompassado da vivência dos aprendizes. Os alunos são sujeitos históricos por natureza. Antes de chegar a escola este já vivem em numa família, com costumes e valores elaborados a partir de uma cultura que o cerca, uma mídia que lhes traz um conjunto de informações que forma a memória social do aluno, mesmo que ainda de forma desorganizada, do ponto de vista científico, porém o professor precisa entender que:

[...] O mundo humano é a referência primeira da intencionalidade do sujeito humano que, pela práxis, se liga a ele em sua imediatidade e facticidade, elementos primordiais e originários do conhecimento. O dia-a-dia e a visão comum do mundo, presentes no grupo social, são determinantes no processo de significação e fazem com que a imediatidade da intencionalidade não seja aprisionada no aspecto fático da realidade, mas percebida em sua inserção no mundo humano social, histórica e culturalmente determinada. A percepção imediata e sensorial dos homens, que é também sempre subjetiva, não se aprisiona ao dado em sua objetividade pura, reporta-se sempre a um fenômeno cultural e socialmente produzido de dimensão significativa. (SILVA; MOREIRA, 2010, p. 16).

O conhecimento prévio já trazido pelos alunos, bem como os que os professores também já possuem são “ferramentas didáticas” indispensáveis no aprendizado da História. Professores e alunos são sujeitos, portadores de visões de mundo e interesses diferenciados, que estabelecem relações entre si com múltiplas possibilidades de apropriação e interpretação. (MONTEIRO, 2007, p. 82).

Assim, sendo o conhecimento histórico algo dinâmico e carregado de novos significados, renovado a todo tempo, esse precisam estar constantemente sendo, repensado, resinificado, reaprendidos, reconstruído cotidianamente para que tenha real sentido para os alunos. Os saberes escolares devem caminhar de mãos dadas com o cotidiano do aluno e com os saberes produzidos pelas academias. Saberes estes que na maioria das vezes, ficam presos dentro das universidades e não vem de encontro aos que se ensinam nas escolas básicas. Assim, os ensinados pelos professores formadores de opinião da grande massa envelhece em relação aos produzidos nas academias.

Os saberes “envelhecem”, se gastam, porque se distanciam sobremaneira dos novos saberes produzidos no campo acadêmico, [...] os alunos não se interessam, apresentam dificuldades de aprendizagem, ou porque não atendem a novos pactos de poder instituídos, ou já são de pleno domínio do senso comum, perdendo legitimidade para o ensino escolar – “desgaste moral”. (MONTEIRO, 2007, p. 87).

O aprendizado significativo da história não é decorar datas, fatos, grandes personagens da história, mas, sobretudo, entender o mundo a sua volta, o sentido da construção social, a partir das experiências vivenciadas por cada indivíduo. O construtivismo educacional prega que o conhecimento do mundo exterior pelo indivíduo não é resultante "da mera internalização de dados e registros sensoriais, mas da ação do sujeito na organização e estruturação de suas experiências" (CARVALHO, 2000, p.196-197).

O conhecimento histórico é indispensável para preparar crianças e jovens para viver em sociedade, pois proporciona um conhecimento global do desenvolvimento dos seres humanos e do mundo que os rodeia. Se as novas gerações estão obrigadas a conhecer o presente, convém que o façam a partir do passado. A criação de saber histórico escolar para "formar cidadãos (...) críticos" está relacionada ao conhecimento como "criação e uso coletivos de conceitos e procedimentos de linguagens públicas" (MENANDRO, 2001, p. 48).

A produção desse saber histórico escolar é construída no cotidiano da sala de aula, na vivência dos professores com os alunos, na interação entre ambos, no diálogo dos materiais didáticos apresentados pelos professores com a interação que este permeia entre esse material e o conhecimento prévio dos alunos e as experiências apreendidas pelos professores. E assim:

[...] novos saberes são criados permanentemente no cotidiano escolar. [...] o problema dos professores de História e pesquisadores de sua didática não é descobrir que alterações devem ser feitas nas aulas para que se crie saber histórico escolar, mas identificar características ou tendências do saber histórico escolar já existente no cotidiano de todas as salas de aula e compreender como ele é criado. (CARDOSO, 2007, p. 210; 211)

Esse conjunto de conhecimentos que chamamos de saber histórico só pode ser captado pelo estudo da História "efetivamente ensinada", da "prática da vida real", do "currículo real", mediante pesquisas de campo dirigidas ao cotidiano da sala de aula. (BITTENCOURT, 2005, p. 37)

Ensinar história passa a ser, então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo. O aluno deve entender que o conhecimento histórico é adquirido com um dom, como comumente ouvimos os alunos afirmarem. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 34).

1.4 CURRÍCULO DE HISTÓRIA E A SELEÇÃO DOS CONTEÚDOS

As discussões sobre currículo no Brasil, tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais, como os referenciais e diretrizes para formação de professores, destacam a autonomia docente. O professor deve ter qualificação para entender, conhecer as propostas curriculares que existe e fazer suas próprias escolhas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, documentos oficiais, já legitimados, que serve de norte, ou deveriam servir de norte, para a construção do currículo, dar autonomia ao professor para escolher o que ensinar aos seus alunos. Considerando a impossibilidade de estudar a História de todos os tempos e sociedades, torna-se necessário fazer seleções baseadas em determinados critérios para estabelecer os conteúdos a serem ensinados. (BRASIL, 1998, p. 45).

Por ser uma disciplina tão complexa e dinâmica seu ensino é uma tarefa que requer do profissional, o professor de história, um direcionamento do que este vai ensinar aos seus aprendizes.

Na escolha dos conteúdos, a preocupação central desta proposta é propiciar aos alunos o dimensionamento de si mesmos e de outros indivíduos e grupos em temporalidades históricas. Assim, estes conteúdos procuram sensibilizar e fundamentar a compreensão de que os problemas atuais e cotidianos não podem ser explicados unicamente a partir de acontecimentos restritos ao presente. Requerem questionamentos ao passado, análises e identificação de relações entre vivências sociais no tempo. Isto significa que os conteúdos a serem trabalhados com os alunos não se restringem unicamente ao estudo de acontecimentos e conceituações históricas. (BRASIL, 1998, p. 45).

O que ensinar de história deve, a todo momento, dialogar com a realidade do aluno. Professores e alunos devem caminharem juntos no processo de aprendizagem da história, esta não pode ser trabalhada como sendo um direcionamento unilateral, isto é, o professor como detentor do conhecimento e aluno como um caixote receptor de conteúdos com a “obrigação” de decorá-lo, a fim de repeti-lo posteriormente.

O ensino de história, mais do que outras disciplinas escolares, tem se constituído em solo fértil para a memorização, a repetição, o monólogo do professor, um espaço propício para a ideia de saber pronto, acabado, que resta apenas transmitir. Embora insistentemente apontada pelos autores e reconhecida, diante dessa crítica, tanto os professores quanto os estudantes acabam não tendo uma experiência ou não encontrando uma alternativa que escape à exposição oral, textos, questionários decorebas, maniqueísmos e grosseiras simplificações sugeridas pelos manuais escolares que predominam no ensino desta área do conhecimento. (STEPHANOU, 1998, p. 04)

O desenvolvimento dessa capacidade para selecionar os conteúdos é uma das competências que mais precisam ser desenvolvidas pelos professores quando do seu processo de formação nas universidades. Porém, para Sacristán (1998, p. 148), a formação dos professores não costuma ser a mais adequada quanto ao nível e à qualidade para que estes possam abordar com autonomia o plano de sua própria prática. As universidades, formadoras dos professores, precisam propiciar a eles a consolidação dessas competências e a autonomia para que estes tenham a possibilidade, de maneira segura e consciente, de formar seus próprios currículos.

CAPÍTULO 02 O ENSINO DE HISTÓRIA E A PRODUÇÃO DO SABER HISTÓRICO ESCOLAR

2.1 O QUE SE ENSINA NO CURRÍCULO ESCOLAR DE HISTÓRIA?

O que ensinar nas aulas de história? É uma pergunta que todo professor de História deve se fazer ao inicial o planejamento das suas aulas. O que se ensina e como se ensina é fundamental, pois depois disso se traduzirá na qualidade da vida pública, na qualidade da vida familiar e no envolvimento com a democracia. Sujeitos críticos, cobra mais, participa mais, envolve-se mais. O ensino de conceitos fundamentais como: monarquia, república, ditadura e democracia, são conceitos imprescindíveis, para o entendimento da história. Quando o ensino desses conceitos falham, é como se no ensino da matemática os alunos não tivessem uma noção exata do que são os números.

A disciplina história ainda é encarada como livros didáticos contendo informações prontas, data precisas, fatos memoráveis, e o aprendizado se faz por meio de questionários, causas e consequências decoradas. É necessário que se transforme esse paradigma. A história trabalhada por essa vertente, é cansativa e desinteressante. Na verdade o papel da história enquanto disciplina escolar é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres. (BRASIL, 1998).

As aulas de História devem preparar os alunos para compreender a vida em sociedade, o conceito de cidadania como participação social e política, buscando respeitar os direitos e deveres políticos, civis e sociais. A disciplina História deverá ajudar a desenvolver nos alunos, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito, de modo que, possa posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas. (BRASIL, 1998)

O professor de História deve ajudar o aluno a compreender que a história não é uma lenda, uma invenção, ela é um conhecimento construído, que se renova constantemente, e passa por alterações conforme as perguntas que são lançadas ao passado. Os documentos que são usados como fontes históricas para a escrita da história e suas diversas interpretações, são documentos produzidos por sujeitos sociais, imersos em uma cultura, portadores de pensamentos construídos ao longo de sua vida, e portanto, trata se de uma produção de um ser social.

2.1.1 – Processo de seleção dos conteúdos

A seleção dos conteúdos a serem ensinados pelos professores da disciplina História, é uma árdua tarefa que os mesmos precisam estarem preparados teoricamente para o enfrentamento desse desafio. Construir o conhecimento da história em consonância com o que é ofertado pelo meio social, internet, TV, rádio, jornais, revista, etc., nos dias atuais, é uma tarefa das mais complexas que os professores enfrentam no seu fazer pedagógico.

A escolha dos conteúdos, por sua vez, que possam levar o aluno a desenvolver noções de diferença e de semelhança, de continuidade e de permanência, no tempo e no espaço, para a constituição de sua identidade social, envolve cuidados nos métodos de ensino. (BRASIL, 1998, p. 32). Como trabalhar esses conteúdos, de modo a torná-los interessantes e instigantes para que tenha condição de atrair a atenção dos estudantes, é uma estratégia que envolve uma série de questões, e a todo tempo precisam ser repensadas pelos professores. Portanto, é necessário encarar esses profissionais como sujeitos construtores do conhecimento histórico, conforme, coloca de maneira plausível, Antônio Flávio Barbosa Moreira:

Fica evidenciada a necessidade de olhar para os professores como sujeitos que ensinam, agentes de uma profissão que se realiza em meio a constantes tensões advindas de uma formação que nem sempre lhes possibilita refletir sobre a dimensão da seleção de conteúdos em toda sua complexidade, mas que apresentam, ainda que de forma pouco explicitada, a percepção de que a seleção se efetiva na sua prática cotidiana. Expressões utilizadas pelos professores como filtrar, cortar, aprofundar, pincelar, peneirar, acrescentar, priorizar, complementar, encurtar, excluir, enriquecer, adaptar, ajustar são entendidas como reveladoras da intervenção nos conteúdos, que acontecem de maneira sutil e as vezes despercebida por eles. (MOREIRA⁶, 1995, apud NERI, 2005, p. 6)

A maneira como os professores selecionam os conteúdos que ensinam aos seus alunos, tem uma íntima ligação com que estes acreditam serem os fundamentais para que os estudantes alcancem os objetivos que são propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, formação tida pelos professores, com raras, embora ainda estejam com fortes vínculos, com o livro didático, conforme afirmam as entrevistadas:

Eu vou lhe ser sincera, na maioria das vezes a gente acaba seguindo o livro didático mesmo, sabe, é como a gente faz um planejamento, juntos no AC, na verdade para a gente tá todo mundo seguindo, ninguém atrasado, a gente acaba seguindo o livro didático, caso haja necessidade, a gente antecipa alguns conteúdos, que estão no

⁶ MOREIRA, Antônio Flávio B. Os Parâmetros Curriculares Nacionais em questão. Educação e Realidade. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRS, vol. 21, nº. 1, jan./jun. 1996, p. 09-22.

livro didático para fazer ligação, porque os livros da impressão que a história foi linear, só que a gente sabe que não é, e aí de vez em quando a gente costuma e reorganizando os conteúdos para a gente trabalhar mais na maioria das vezes a gente acaba seguindo o livro didático mesmo, até porque tem que dar toda uma explicação tá falando o tempo todo aos alunos que já estão acostumados, bitolados a seguir o livro didático e quando você não segue acaba causando um pouco de transtorno (informação verbal)⁷.

É o que também continua afirmando outra depoente.

Nós nos reunimos nas jornadas pedagógicas, nós estamos sempre juntas planejando nos AC's, e sinceramente eu procuro ver os conteúdos que tem mais uma relação, e para não deixar os alunos muito perdidos, também, salvo algumas exceções, eu gosto de dar uma sequência nos livros didáticos, previamente selecionados pelos próprios professores, aqueles que tem uma relação boa, quando está muito fora, a gente troca um ou outro, mas, eu gosto de dar uma sequência a um bom livro didático, para os alunos não ficarem muito perdidos, eles já se perdem, já perdem os livros, já vão para a sala sem livros, não sabem o que estudar, e se eu ficar pulando daqui pra lá com muita apostila muito texto eles não tiram, a gente passa um texto, que esteja fora daquele livro eles não trazem (informação verbal)⁸.

Diante do exposto pelas professoras, notadamente se percebe que, apesar das orientações propostas pelos PCN's em se fazer uma ponte do que está sendo trabalhado com o que os alunos vivenciam em seu dia a dia, a fim de propiciar o aprendizado significativo, ainda temos certo descompasso do que se propõe para o que de fato é trabalhado nas escolas.

A partir de problemáticas contemporâneas, que envolvem a constituição da cidadania, pode-se selecionar conteúdos significativos para a atual geração. Identificar e selecionar conteúdos significativos são tarefas fundamentais dos professores, uma vez que se constata a evidência de que é impossível ensinar “toda a história da humanidade”, exigindo a escolha de temas que possam responder às problemáticas contundentes vividas em nossa sociedade, tais como as discriminações étnicas e culturais, a pobreza e o analfabetismo. A organização dos conteúdos por temas requer cuidados específicos com a escolha dos métodos. (BRASIL, 1999, p. 305)

Sendo os livros didáticos os “guias” para escolha dos conteúdos, é preciso haver uma seleção de quais serão trabalhados, considerando a grande quantidade disposta nos livros e a impossibilidade de trabalhar com todos eles. É preciso considerar a realidade dos alunos imersos em um universo cultural e é a partir da seleção cultural, que define o que é legítimo ensinar, entende-se que ocorrem processos de transformação do conhecimento que incluem, de diferentes formas, a participação da escola e dos professores em um movimento que se

⁷ Informação verbal prestada pela professora D2 em entrevista concedida em 08 de novembro de 2013

⁸ Informação verbal prestada pela professora D3 em entrevista concedida em 07 de agosto de 2013.

desloca do currículo formal – os saberes a serem ensinados – para o currículo real – os saberes ensinados e aprendidos (NERI, 2005. p. 2).

A organização do programa de conteúdos a serem trabalhados nas aulas de História passa fundamentalmente pela formação tida pelos professores. Com raras exceções, se o professor possui a formação em História, isso facilita o seu trabalho de “arranjo pedagógico” para priorizar determinados conteúdos e dispensar outros.

Isso permite pensar que, por mais que os professores não reconheçam de imediato a presença de uma ação selecionadora de conteúdos em sua atividade de ensino, ainda assim, os professores elegeem, dentro do elenco de títulos, temas ou ideias e conceitos sugeridos nos documentos oficiais, aqueles que, a partir inclusive de seus critérios pessoais, ele considera que deve ensinar ou excluir de seu programa. Mesmo quando os professores se utilizam de seleções de conteúdos pré-estabelecidas, como são os livros didáticos, ainda assim, no momento de sua aula, eles operam sobre essas seleções enfocando mais determinados aspectos de um assunto e descartando outros por diversas razões (NERI, 2005. p. 2-3).

2.1.2 – Os conteúdos ensinados no Colégio Polivalente

A escola é um espaço físico usado como lugar para se ministrar e assistir aulas. Cada instituição de ensino carrega suas especificidades, trata-se de um ambiente de troca de experiências, que reúne professores e alunos, para que se construa o conhecimento que os alunos necessitarão para suas vidas. A disciplina História tem papel preponderante nessa tarefa, o que se ensina em história, é antes de tudo, saberes inerentes a vida humana, e portanto, vinculados a vivência dos alunos. Os conteúdos da disciplina História tem por objetivo focar as diferentes histórias que compõem as relações estabelecidas entre a coletividade local e outras coletividades de outros tempos e espaços, contemplando diálogos entre presente e passado e os espaços locais, nacionais e mundiais. (BRASIL, 1998, p. 47). "Existe um critério de conteúdo mínimo que precisa ser trabalhado em toda série, existe o critério de significância, determinados conteúdos, dentro das perspectivas" (informação verbal).⁹ Enfatiza a professora de História. Tais conteúdos são selecionados dos que já estão no livro didático, embora outra professora da mesma instituição de ensino queira trabalhar todo livro sem haver um critério para dispensar conteúdos que provavelmente não serão do interesse dos estudantes. "Depende muito da questão da turma, em algumas turmas a gente

⁹ Informação verbal prestada pela professora D1 em entrevista concedida em 11 de novembro de 2013

consegue chegar. A nossa meta é trabalhar todo o livro didático" (informação verbal)¹⁰. Outra afirmação é feita por outra professora.

Eu não me dou o direito de negar aos estudantes nenhuma informação, dentro da minha possibilidade, sou daquele tipo de professora que acho, que penso, que os conteúdos são importantes, o aluno tá em fase de formação eu devo oferecer a ele tudo e ele então assimila o que seu interesse pedir, mas como os interesses são múltiplos, eu tenho que oferecer tudo que for possível (informação verbal)¹¹.

A importância da formação dos professores torna-se evidente, com tais afirmações. Percebemos que os critérios usados para a seleção dos conteúdos por cada professor, é marcado pela sua formação acadêmica.

Por exemplo, na 8ª série e no 3º ano, são o mesmo programa, só que com níveis de dificuldade diferente. Então, eu posso na 8ª série abrir mão de determinados conteúdos que eu sei que no 3º ano eles já estão mais maduros, e vai ter uma percepção, um rendimento, um aproveitamento melhor. Mas, existe alguns conteúdos que não tem como você fugir deles, por exemplo, você não trabalha na 8ª série o conteúdo de história, sem falar de República no Brasil, surgimento da República, a fase da chamada República Velha, você tem que puxar para o Populismo, a questão de Vargas até o Regime Militar, você não pode passar por História sem falar do processo de Redemocratização na 8ª série, no Brasil. Você não pode fechar um 3º ano, sem falar das questões internacionais, você não pode não falar do fim da União Soviética, do Socialismo Real, você não pode não falar, das questões do Mundo Árabe, então você vai assim pincelando, a História do Brasil no 3º ano, é o mesmo que eu trabalho na 8ª série, aí eu posso passar mais rápido. Geralmente eu prefiro colocar conteúdos que está sendo proposto com questões de atualidade (informação verbal)¹²

Os conteúdos ensinados devem ajudar os alunos a se localizar o maior número possível de relações entre os acontecimentos e os sujeitos históricos, além de seu próprio tempo e espaço, buscando explicações abrangentes, que deem conta de expor as complexidades das vivências históricas humanas. (BRASIL, 1998, p. 47).

2.2 ENSINANDO HISTÓRIA E VENCENDO DESAFIOS

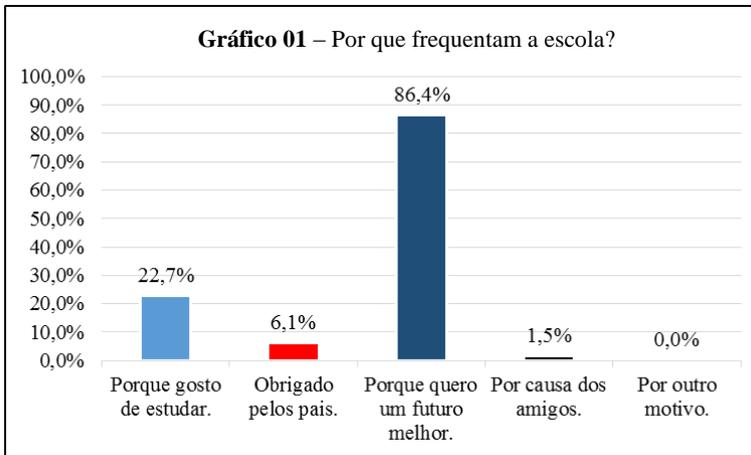
A sala de aula está se tornando cada dia mais desafiadora. O conhecimento está por toda parte e de fácil acesso, o mundo está conectado e as informações estão disponíveis na

¹⁰ Informação verbal prestada pela professora D2 em entrevista concedida em 08 de novembro de 2013

¹¹ Informação verbal prestada pela professor D3 em entrevista concedida em 07 de agosto de 2013

¹² Informação verbal prestada pela professora D1 em entrevista concedida em 11 de novembro de 2013

rede mundial de computadores, permitindo aos usuários, acessá-las na hora que desejar. Atrair a atenção dos alunos está cada vez mais difícil, pois a escola está aos poucos se tornando um espaço pelo qual os estudantes frequenta quase que exclusivamente para obter um certificado,



Fonte: Pedro Márcio Pinto de Oliveira

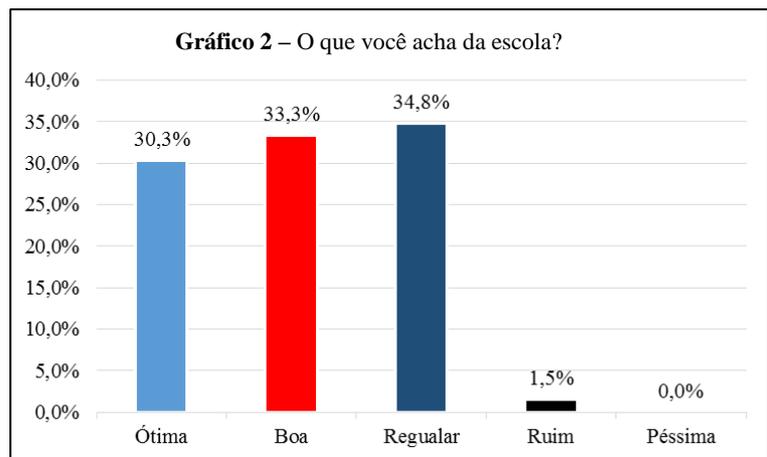
isto é, o que se ensina nas aulas é para os alunos cada vez mais desinteressante. A escola já não é mais um lugar onde os estudantes tem prazer em está. "Os meninos hoje são extremamente mal-educados, desrespeitadores, agressivos, e tudo para eles é muito descartável. Nada tem muita importância para eles" (informação verbal)¹³. Quando perguntado, por que frequentam a escola, (Gráfico 01) apenas 22,7% dos alunos entrevistados, afirmam gostar de estudar, sendo que a maioria deles frequenta a escola em busca de um futuro melhor, totalizando 86,4%, dos consultados. Almejam um certificado de conclusão que os permita ingressar no mercado de trabalho, fazer um vestibular, um concurso público, etc., é possivelmente, o principal objetivo dos atuais estudantes. "Aqui aprendemos a ler, escrever e termos um futuro melhor", afirma o estudante de 3º ano do Ensino Médio, (D12)¹⁴. O conhecimento em se já não tem mais a mesma importância que há alguns anos. Somos filhos do nosso tempo, e o tempo atual é o da interatividade, instantaneidade, é tudo aqui e agora e ao mesmo tempo, e essa sociedade repleta de avanços tecnológicos cada vez mais surpreendentes, torna a missão do professor cada vez mais complicada.

Aprende-se em outras instâncias e de outras maneiras, que não formalmente (CERRI, 2010, p. 266). A TV está presente em 100% dos lares dos alunos entrevistados, e em mais de 53% das casas desses

¹³ Informação verbal prestada pela professora D1 em entrevista concedida em 11 de novembro de 2013

¹⁴ Entrevista escrita concedida pelo aluno do 3º ano do Ensino Médio, 20 anos

alunos possui acesso à internet, por tanto, esses estudantes tem acesso a um volume de informações jamais visto ao longo de toda história, o que lhes permite aprender coisas que antes só teriam acesso na escola e assim, a importância da escola, enquanto instituição de ensino, é pequena, se considerarmos sua



Fonte: Pedro Márcio Pinto de Oliveira

utilidade prática na vida das pessoas. Quando foram questionados sobre o que achavam da escola que estudam, os estudantes tiveram opiniões razoavelmente equilibradas. O (Gráfico 02) apresenta o resultado do grau de interesse dos estudantes pesquisados. 30,3% deles responderam que a escola é Ótima, 33,3%, afirmaram que a escola era Boa, 34,8%, apontaram a escola como Regular, 1,5% Ruim e nenhum dos estudantes ver a escola como sendo Péssima. Isso significa que o ambiente escolar enquanto meio social, supera, na visão dos alunos pesquisados, a escola vista como instituição de ensino. “Eu gosto da escola, o que não gosto são das aulas, da forma como são dadas” (D5)¹⁵.

Ensinar História a geração do imediatismo, que tem facilidade em encontrar informações que antes era muito mais difícil encontrá-la, é um desafio enorme. O professor precisa adaptar-se à nova sala de aula. Adequar a metodologia de ensino aos jovens é na verdade entender que não se pode utilizar a mesma metodologia que há alguns anos atrás funcionava perfeitamente, pois hoje esse mesmo método pode está ultrapassado, é preciso reinventar sempre.

A História é uma disciplina passível de múltiplas abordagens, isto é, há várias maneiras para se ensinar História: a partir do livro didático, da interpretação de um filme, de uma fotografia histórica, de uma música, uma peça de teatro, de um jogo dinâmico, etc. Sendo a História, uma ciência viva e em contínua transformação, novas abordagens que até há pouco tempo não estavam em sala de aula, hoje devem ser vistas com destaque. Por isso, tornou-se urgente o trabalho com diversas fontes e o relacionamento do passado com o presente para que se entenda que contra fatos há, sim, argumentos. Tudo depende do olhar que se lança sobre eles, da leitura interpretativa que o historiador faz do fato histórico e do documento

¹⁵ Entrevista escrita concedida pelo aluno do 3º ano Ensino Médio, 18 anos.

histórico, de modo a permitir uma nova visão ou uma nova interpretação do fato histórico, possibilitando assim o desenvolvimento da consciência histórica que pode ser definida como “a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam a sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo.” (CERRI, 2010, p. 269).

Para desenvolver a postura crítica da turma e dar aulas consistentes, é fundamental que o professor entenda esse processo. A História não pode ser mais vista conforme o historiador prussiano Leopold von Ranke (1795-1886), que via a história como uma sucessão de fatos que não aceitavam interpretação. Segundo ele, pesquisadores e educadores deveriam se manter neutros e se ater a passar os conhecimentos sem discuti-los, usando para isso a exposição cronológica. Esse método de se fazer História, está inteiramente ultrapassado. As aulas de História deve permear a discussão, que leve os alunos a elaborar um entendimento da História.

Os alunos tendem a elaborar conceitos de acordo com sua experiência vivida e não formalizam o conhecimento histórico, se não tiverem a possibilidade de vivenciar movimentos e conceitos históricos, colocados em questão na sala de aula. O conhecimento histórico escolar não pode ficar preso a análise de processos puramente cognitivos, independentes da vivência dos alunos, que lhes dá sustentação: o cognitivo é sempre sócio cognitivo (LANTIER¹⁶, 1994, apud ABUD, 2005, p. 27). A compreensão histórica vem da forma como sabemos como é que as pessoas viram as coisas, sabendo o que tentaram fazer, sabendo o que sentiram em uma determinada situação. (ABUD, 2005, p. 27 - 29).

Que metodologia adotar para que se alcance o aprendizado da História vinculado a vida social dos alunos, se há uma multiplicidades de culturas intrínseca na vivência dos mesmos? Contemplar a todos é uma tarefa quase impossível, afinal os interesses são múltiplos, a solução é buscar um equilíbrio, entre o que se ensina em detrimento do que interessa de fato aos alunos.

[...] na minha visão de professora de História eu devo oferecer aos alunos todas as ferramentas para que num momento de uma entrevista de emprego, vestibular é necessário quaisquer que eles venham a se recordar de algo que viu. Eu não me dou o direito de negar aos estudantes nenhuma informação dentro da minha possibilidade, sou daquele tipo de professora que acho, que penso, que os conteúdos são importantes, o aluno tá em fase de formação eu devo oferecer a ele tudo e ele

¹⁶ LANTIER, N. L'histoire approprié par les élèves. Psychologie cognitive et didactique de rhistoire. In: MONIOT, H. et SERWANSKI, M. (dir). L'hiStoire en partage 1. te récit de vrai. Paris: Nathan pédagogie, 1994, p. 45-55.

então assimila o que seu interesse pedir, mas como os interesses são múltiplos, eu tenho que oferecer tudo que for possível (informação verbal)¹⁷

Como o aprendizado se processa a partir dos interesses dos indivíduos, a construção do conhecimento histórico deve ser permeada seguindo essa lógica. Por isso, selecionar o que ensinar é extremamente importante. "Tem que diminuir os assuntos, porque são muitos". (D6)¹⁸. Partindo desse princípio fundamental da aprendizagem, entendemos que quanto maior o volume de assuntos/conteúdos, menor o aprendizado dos alunos. O grande volume de informações termina por confundi-los.

Selecionar os conteúdos e empregar metodologias variadas é o ponto de partida para a aprendizagem significativa. Trabalhar muitos conteúdos utilizando-se da mesma metodologia termina por provocar o desinteresse dos estudantes. "É muito bom estudar, conhecer os antepassados, mas tem coisas muito antiga que não é interessante", (D7)¹⁹, daí a necessidade da escolha dos conteúdos a serem ensinados. "A professora costuma só ler mais e mais capítulos e não ensina muito bem" (D8)²⁰. Trabalhar com a mesma metodologia, sempre, torna a aula cansativa, chata, desestimuladora. "Não posso chamar as visitas dela de aula" (D9)²¹.

Entretanto, se há cuidado com a metodologia, bem como, com o que se está ensinando há uma inversão da lógica: "é uma aula legal, interessante e que foge muito da rotina escolar, com atividades interativas e que amplia o conhecimento da disciplina" (D10)²². A aula bem planejada tem efeito favorável, "é uma aula boa, pelo fato da professora saber bem explicar os assuntos, e por fazer a gente interagir na aula, (D13)²³, "gosto das aulas da professora porque os assuntos são interessantes." (D11)²⁴.

Os materiais didáticos usados nas aulas de História, são ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento da metodologia aplicada nas aulas. Nas aulas de História do Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA, de acordo com 95,5% dos estudantes consultados, o

¹⁷ Informação verbal prestada pela professora D3 em entrevista concedida em 7 de agosto de 2013

¹⁸ Entrevista escrita concedida pelo aluno do 9º ano Ensino Fundamental, 15 anos

¹⁹ Entrevista escrita concedida pelo aluno do 1º ano Ensino Médio, 15 anos

²⁰ Entrevista escrita concedida pelo aluno do 9º ano Ensino Fundamental, 16 anos

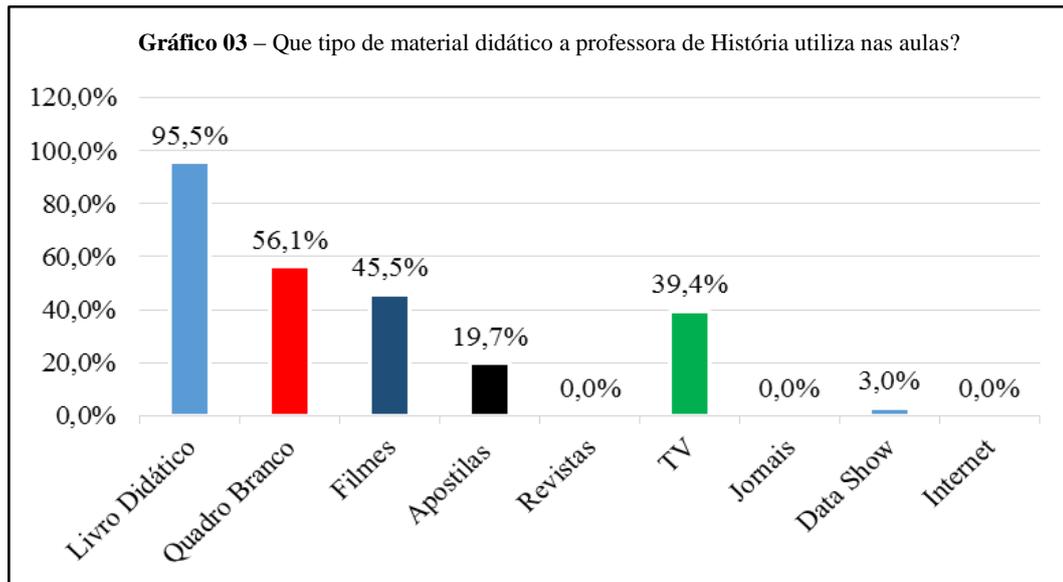
²¹ Entrevista escrita concedida pelo aluno do 9º ano Ensino Fundamental, 17 anos

²² Entrevista escrita concedida pela aluna do 1º ano do Ensino Médio, 14 anos

²³ Entrevista escrita concedida pela aluna do 1º ano Ensino Médio, 16 anos

²⁴ Entrevista escrita concedida pela aluna, do 1º ano Ensino Médio, 14 anos

livro didático é a ferramenta mais utilizada pelos professores. Depois do livro didático, o quadro branco aparece na segunda colocação com 56,1% dos entrevistados; os filmes ocupam a terceira posição na preferência dos professores. Segundo 45,5% dos alunos pesquisados, os professores trabalham com filmes em suas aulas. Já 39,4% dos alunos dizem que os professor usam a TV; 19,7% afirmam que usam apostilas; 3% Data Show. Já revistas, jornais e internet, segundo os alunos, não são utilizados pelos professores. Conforme (Gráfico 03) a seguir.



Fonte: Pedro Márcio Pinto de Oliveira

A metodologia de ensino adotada pelos professores de História, no Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA, varia de acordo a formação do professor. Das três professoras observadas e pesquisadas, identificamos diferentes métodos de ensino desenvolvidos por elas. Quando questionadas de como costumam ministrar suas aulas, as professoras colocam:

Puxando um gancho de uma discussão de um fato real, a partir do fato, eu vou contando uma história literária, um texto literário, uma música, um caso, uma ocorrência do dia a dia, aí eu faço o gancho, faço aquele apanhado e volto. Geralmente quando eu estou dando sequência aos conteúdos do livro, no dia quando não tem nada em especial, assim, eu sempre puxo o gancho do assunto anterior, retomo o que foi dado, aí eles dizem, "não professora, isso já trabalhou". Pois bem, estão bem lembrados? Então a partir disso a gente vai vendo aquilo outro (informação verbal)²⁵.

²⁵ Informação verbal prestada pela professora D3 em entrevista concedida em 7 de agosto de 2013

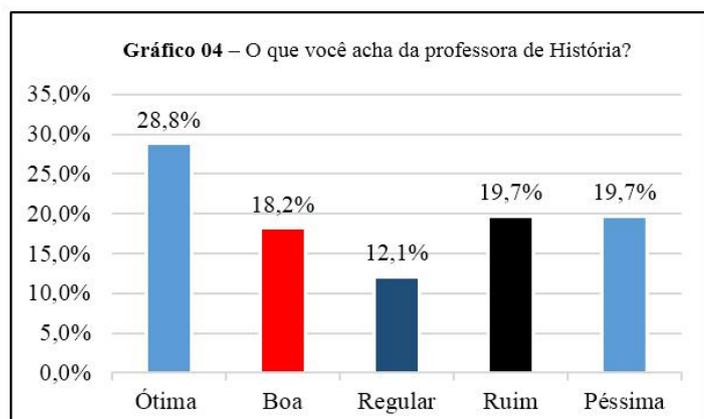
Se percebe na fala da professora que a sua formação aparece mesmo que despercebido por ela, demonstrando a importância da formação na área, podemos perceber nitidamente as marcas da formação em História na fala da outra professora pesquisada.

Geralmente, eu faço uma exposição dialogada, procuro perguntar, sugar um pouquinho dos meninos, alguns tem algum comentário, alguma história, alguma coisa, gosto de usar os recursos audiovisuais, slides, vídeos aulas, pequenos vídeos que a gente acha na Internet, filmes, porque só ouvir, acaba que a pessoa, se não dá (sic) importância, se não está sintonizada, acaba se perdendo, e quando você ver, a possibilidade de você tá ouvido e vendo, você desperta o interesse, e a busca é bem maior. Eu tenho um CD do professor Messias que ele trabalha vários conteúdos em forma de música, alguns o ritmo é até dançante, os meninos acaba batucando na cadeira, escutando, cantando, e assim vai, ai eu digo escute a letra da música, é uma síntese do conteúdo, acaba funcionando (informação verbal)²⁶

Na fala dessa professora é notável como ela elabora melhor suas aulas, varia os métodos de ensino possibilitando que os estudantes possam sentir-se contemplados em sua diversidade e multiplicidade de interesses. A fala da próxima professora também deixa transparecer a interferência de sua formação na metodologia aplicada a suas aulas.

Eu sempre começo retomando o que foi visto anteriormente. Pode ser uma exposição participada, pode ser uma leitura de um texto para dali gerar uma discussão, pode ser um vídeo, pode ser interpretando uma imagem, e assim vou trabalhando com seminários, exposição, vídeo, discussão, às vezes, júri simulado, jogos didáticos, na oitava série eu uso muito um caça-palavras, e depois eles vão buscar ampliar as informações sobre aquelas palavras encontradas, vou pedir o significado, pedir para contextualizar. No Ensino Médio, eles gostam muito do Cruzadão, depois eles me dão o retorno dessa atividade com informações ampliada, eles gostam bastante. Mais o que eu uso com mais regularidade mesmo é o seminário. Eu acho seminário pro Ensino Médio, muito rico (informação verbal)²⁷.

A partir dos depoimentos acima, podemos perceber a influência que a formação em História exerce na escolha da metodologia empregada para o ensino da disciplina. Vemos claramente como as professoras formadas na área tem melhor trato com os métodos de ensino, isto é,



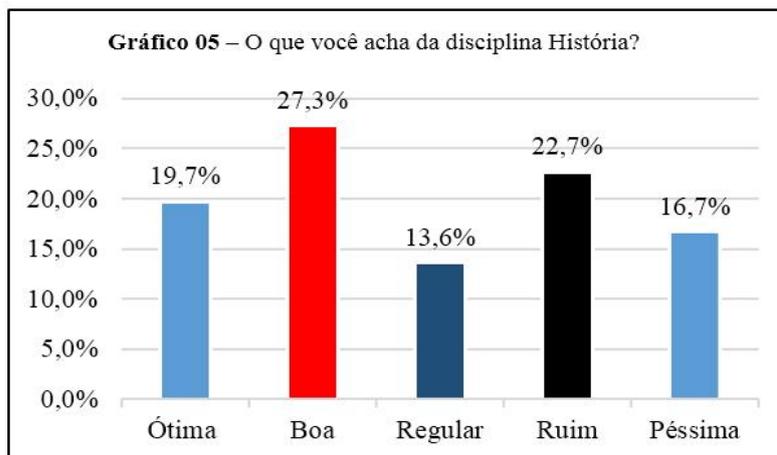
Fonte: Pedro Márcio Pinto de Oliveira

²⁶ Informação verbal prestada pela professora D2 em entrevista concedida em 08 de novembro de 2013

²⁷ Informação verbal prestada pela professora D1 em entrevista concedida em 11 de novembro de 2013

variam os métodos para possibilitar a melhor aprendizagem dos alunos. A variação da metodologia não é parâmetro definitivo para o aprendizado da História, mas é fundamentalmente um facilitador do entendimento pelos alunos dos conteúdos ensinados nas aulas de História. A metodologia que as professoras utilizam para ministrar suas aulas, reflete na visão que os alunos tem das mesmas, e por conseguinte da suas aulas. Quando perguntamos: O que achavam da professora de História? Ficou evidente que a forma como as professoras conduzem suas aulas define a visão dos alunos frente a elas. Os dados apresentados no (Gráfico 04) acima, apresenta o resultado geral das respostas dadas pelos alunos entrevistados. O equilíbrio nas respostas se deve ao fato, exatamente, de estarem apresentadas de maneira associadas, visto que, a professora que trabalha com uma metodologia diferenciada obteve respostas entre ótima e boa, demonstrando que os alunos valorizam o professor que trabalha de maneira diferenciada, usando-se diferentes metodologias, para abordar os conteúdos por ele trabalhado.

Esse mesmo raciocínio pode ser utilizado quando a questão é sobre as aulas da



Fonte: Pedro Márcio Pinto de Oliveira

disciplina História. Os alunos julgam seguindo os mesmos critérios usados para avaliar as professoras, fato percebido a partir das respostas fornecidas quando perguntados sobre o que eles achavam da disciplina de História. Conforme dados apresentados no (Gráfico 05) ao lado.

2.3 – O CONHECIMENTO HISTÓRICO APREENDIDO PELOS ALUNOS

Aprender História é antes de tudo aprender a ler o mundo a nossa volta. O conhecimento histórico é carregado de significados, uma elaboração sócio cognitiva que permite ao indivíduo apreender o conhecimento da História viva, presente na sociedade em constante transformação, carregada de múltiplos significados, com um acervo de

conhecimento a ser descoberto, e que a todo tempo renova-se em uma constante metamorfose social.

O meio onde cada um dos aprendizes da História está imerso, influencia de maneira significativa, como este vai absorver o entendimento da História. Organizar o conhecimento histórico, diante de tantas informações históricas disponíveis em toda parte, trata-se de uma tarefa complexa, que para a mente dos jovens em formação, se torna complicada, e muito mais se essa história a ser apreendida por eles, for algo abstrato, desvinculado de sua vivência, fora do seu contexto. Aprende-se melhor a História se esta estiver associada a sua realidade, isto é, a História ensinada deve estar ligada a história vivida pelos alunos.

Para abordar os temas propostos os alunos utilizam-se de representações construídas na e fora da escola. Na medida em que os conceitos históricos são compreendidos pela sua relação com a realidade que o sujeito vivencia, ao procurar explicações para uma situação do passado à luz de sua própria experiência, mesmo sem apreciar as diferenças entre as suas crenças e valores e as de outra sociedade, revela já um esforço de compreensão histórica. (BARCA e GAGO²⁸, 2001, apud ABUD, 2005, p. 28)

Por ser a História um conhecimento inatingível em sua totalidade, os alunos precisam selecionar o que vai aprender da História. O que do conhecimento histórico faz sentido para ele aprendê-lo. De que maneira esse aprendizado vai ajudá-lo? Qual a utilidade prática que esse aprendizado terá para esse aluno? Essas questões precisam serem respondidas pelos próprios aprendizes da História. É o processo de seleção do que apreender do conhecimento histórico, natural para todos que estudam a História.

Os alunos não precisam absorver tudo o que os manuais e os professores lhe apresentam ou dizem como historicamente significativo, mas filtram informações, adicionam ou modificam, reconstruindo suas estruturas de compreensão por meio dos seus valores, ideias e disposições. Uma parte da tarefa pedagógica do professor de História é ajudar seus alunos a exporem e construírem seus argumentos sob a forma de narrativa histórica. (SCHMIDTI, 2005, p. 1 e 2)

O aprendizado da História caminha ao lado dos interesses dos alunos, pois não se aprende nada que não esteja no rol do seu interesse. Por haver à disposição uma gama enorme de conhecimento histórico, eleger prioridades de aprendizado é um processo inerente ao trabalho dos professores. Devemos levar em conta que aquilo que os interessam será

²⁸ BARCA, Isabel; GAGO, M. Aprender a pensar em História: um estudo com alunos do 6º ano de escolaridade. Revista Portuguesa de Educação, 2001, 14(1), p. 239-261.

absorvido por eles, ao passo que, aquilo que não é interessante aprender, é naturalmente descartado pelo filtro de aprendizagem do aluno.

"Os fatos que aconteceram na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, globaliza tudo que está acontecendo nos dias de hoje. Foi através daí, no final da Segunda Guerra Mundial, que se encaixa a Globalização. É por isso que a história se torna interessante, a história vai montando o quebra-cabeça; através daí a gente vai entendendo o que houve no passado, a gente entende o que está acontecendo no presente, é por isso que história fica interessante" (informação verbal)²⁹.

A fala do aluno acima, demonstra que o aprendizado da História da Primeira e Segunda Guerra Mundial, se tornou significativo para ele, porque o ajudou a entender o processo da globalização. Sendo a globalização a interdependência de todos os povos e países do mundo, tais conteúdos estar ligado a sua vivência e por conseguinte tem sentido prático em sua vida.

[...] é nas escolas que se estuda a História e onde se cruzam de modo comprometido o conhecimento científico e o conhecimento escolar, por que o ambiente escolar é privilegiado para que os alunos aprendam maneiras de pensar sobre o passado que deverão ajudá-los a se orientar no tempo, relacionando o passado, o presente e o futuro com suas vivências como seres temporais. (ABUD, 2005, p. 29)

E é a partir dessa ligação: passado, presente e futuro, que se constrói o conhecimento histórico. A partir da elaboração do sistemática do conhecer a história que se organiza o aprendizado. A sequência adotada nas aulas, o controle da transmissão, a expectativa dos professores quanto às atitudes e respostas desejadas, a própria situação do espaço onde se realiza a aula são elementos que alteram e modificam os conteúdos. (SCHMIDTI, 2005, p. 1).

²⁹ Informação verbal prestada pelo aluno D4, entrevista concedida em 07 de novembro de 2013

CONCLUSÃO

A produção do conhecimento histórico escolar é um processo de construção que se desenvolve a partir da interação do professor com o aluno. A metodologia de ensino empregada para ministrar as aulas é imprescindível para o desenvolvimento do aprendizado. O uso de diferentes recursos didáticos proporciona a multiplicidade de possibilidades de aprendizado. Os estudantes imersos em diferentes realidades aprendem de diferentes maneiras, sendo assim é fundamental que se empregue diferentes métodos de ensino.

O ensino de História ministrado no Colégio Polivalente de Conceição do Coité-BA, é multifacetado. As metodologias usadas pelos professores variam de acordo com a formação do professor. O uso do livro didático ainda é marcante nas aulas de História, em pleno o século XXI, na era da tecnologia, da interatividade, da velocidade com a qual as informações são trocadas, ainda temos aulas onde o livro didático é a única ferramenta pedagógica utilizada.

Porém, nessa mesma instituição de ensino, temos aulas dinâmicas com usos de diferentes ferramentas pedagógicas e variadas maneiras de verificação do aprendizado. De acordo com a formação do professor, podemos perceber como este envolve o conhecimento histórico com a vivência dos alunos. Pois, a História é uma ciência viva, que vive em uma constante transformação, sendo assim cria-se a necessidade de se construir uma interação do conhecimento científico com o conhecimento adquiridos a partir da interação social dos alunos; que são conhecimentos já trazidos por eles que estão imbricados na forma como estes vão aprender História.

A Consciência Histórica dos indivíduos - professores e alunos – é dada pelo envolvimento que estes possui com o entendimento da História. Os conteúdos selecionados pelos professores, reflexos da concepção de história tida por eles. A maneira de trabalhar com esses conteúdos, pode ou não, despertar o interesse dos alunos em aprendê-los. Por tanto a ideia que se tem da história, é construída a partir da interação com o processo de ensino-aprendizagem.

Os alunos, aprendizes da história, sujeitos sociais, cercados por um volume de informações, jamais vista em toda História da Humanidade, fazem múltiplas interpretações do conhecimento histórico. O professor não é mais o detentor do conhecimento, as informações estão por toda parte, o aprendizado significativo da história acontece quando os estudantes busca interagir com esse conhecimento, mediado ou não pelo professor.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria. Processos de construção do saber histórico escolar. *História & Ensino*, Londrina, v. 11, p.25-34, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/download/11834/10400>>. Acesso em: 08 jun. 2014.
- BARCA, Isabel. Educação História: um nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras: HISTÓRIA*, Porto, Portugal, v. 2, pp.13-21, 2001.
- BERKE, Peter. *Escola dos Annales 1929-1989: A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Ed.UNESP, 1991 p. 115.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *O saber histórico na sala de aula*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2005. 175p.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e tecnologia. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- CARDOSO. Oldimar Pontes. Representações dos professores sobre saber histórico escolar. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n 130, jan/abr 2007, p. 209-226.
- CARVALHO, J. S. F. de. *Construtivismo: uma pedagogia esquecida da escola*. São Paulo, 2000. Tese (dout.) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional, Ponta Grossa-PR*, v. 2, n. 15, p.264-278, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2380/1875>>. Acesso em: 15 abr. 2014.
- CERRI, Luis Fernando. *Ensino de História e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011. 138 p. (Coleção FGV de Bolso)
- CERRI, Luis Fernando; BAROM, Wilian Carlos Cipriani. A Teoria da História de Jörn Rüsen entre a Modernidade e a Pós-modernidade: uma contribuição à didática da história. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p.991-1008, dez. 2012. Set/dez. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/19691/23438>>. Acesso em: 20 jun. 2014
- MENANDRO, H. F. Variações sobre um velho tema: o ensino de História. In: DAVIES, N. (org.) *Para além dos conteúdos no ensino de história*. Rio de Janeiro: Access, 2001. p.47-61.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 2007.
- NERI, Janete de Fática Barause. A seleção de conteúdos na prática dos professores de História no Ensino Médio. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA,

Londrina-PR, 2005, Anais. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI033.pdf>>, Acessado em: 04 de julho de 20014.

RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Trad. de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Ed. UnB, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Formas do Saber Histórico em sala de aula: algumas reflexões. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Londrina-PR, 2005, Anais. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0690.pdf>>, Acessado em: 04 de julho de 20014.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). Jörn Rüsen e o Ensino de História. Curitiba-PR: Ed. UFPR, 2011. 150 p.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; CAINELLI, Marlene. Ensinar história. 2. ed São Paulo: Scipione, 2009. 198 p.

SILVA, Jefferson Ildefonso da; MOREIRA, Elizete Maria da Silva. Saber cotidiano e saber escolar: uma análise epistemológica e didática. Revista Educação Pública, Cuiabá, v. 19, n. 39, p.13-28, 2010.

STEPHANOU, Maria. Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. Rev. bras. Hist., 1998, vol.18, no.36, p.15-38.

TEIXEIRA, Rodrigo Yuri Gomes. Perfil: Jörn Rüsen. Revista Eletrônica do Tempo Presenta. Ano 04, Nº 01, mar. 2014. Disponível em: http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5892:perfil-joern-ruesen&catid=95:edicao-do-mes-de-marco-2014&Itemid=229. Acessado em: 10 jul. 2014.

UNIVESP TV. História e temporalidade. Vídeo (14:46), 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CH316M8SzTM>> Acessado em: 12 de outubro de 2013.

FONTES**DEPOIMENTO - PROFESSORES**

DEPOENTE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	DATA DA ENTREVISTA
D1	Pedagogia – UFBA (1980) História – PUC-RIO em convênio com SEC/BA (2010)	Entrevista concedida em 11 de novembro de 2013
D2	Letras Vernáculas – UNEB Campus XIV (2001) História – UNEB – Campus XIV (Fase de conclusão)	Entrevista concedida em 08 de novembro de 2013
D3	Letras Vernáculas – UNEB Campus XIV (1998)	Entrevista concedida em 07 de agosto de 2013

DEPOIMENTO - ALUNOS

DEPOENTE	SÉRIE	IDADE
D4	9º ano do Ensino Fundamental	17
D5	3º ano Ensino Médio	18
D6	9º ano Ensino Fundamental	15
D7	1º ano Ensino Médio	15
D8	9º ano Ensino Fundamental	16
D9	9º ano Ensino Fundamental	17
D10	1º ano do Ensino Médio	14
D11	1º ano Ensino Médio	14
D12	3º ano do Ensino Médio	20
D13	1º ano Ensino Médio	16